

Universidade Federal de Minas Gerais
Conselho de Pós-Graduação
Escola de Veterinária



PERFIL NOSOLÓGICO E ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DE CÃES ATENDIDOS
EM CLÍNICAS VETERINÁRIAS DE BELO HORIZONTE, 1985/86

U.F.M.G. - BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA



454268811

NÃO DANIFIQUE ESTA ETIQUETA

28/03/09/06

Vitor Márcio Ribeiro

Belo Horizonte
Minas Gerais
1988

Vitor Márcio Ribeiro




T636.089
R484P
1988

PERFIL NOSOLÓGICO E ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DE CÃES ATENDIDOS
EM CLÍNICAS VETERINÁRIAS DE BELO HORIZONTE, 1985/86

Tese apresentada à Escola de Veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Medicina Veterinária.

Área: Epidemiologia.

Belo Horizonte
Minas Gerais
1988



Ribeiro, Vitor Márcio, 1957 -
R484p Perfil nosológico e algumas características de cães a
tendidos em clínicas veterinárias de Belo Horizonte, 1985/
86. Escola de Veterinária da UFMG, 1988.

56p. ilustr.

Tese, Mestre em Medicina Veterinária.

1. Cães - Doenças - Belo Horizonte - Estatística. 2. Cães -
Belo Horizonte - Estatística. I- Título.

CDD - 636.708 96

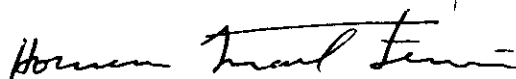
Aprovada em: 26/08/88



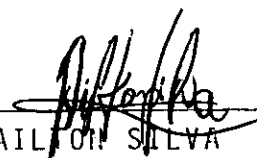
PROF. ELVIO CARLOS MOREIRA
- Orientador



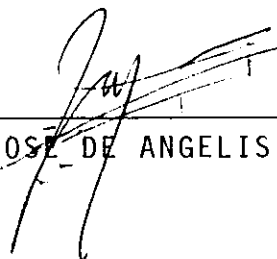
PROF. FRANCISCO CECÍLIO VIANA



PROF. HOMEM ISRAEL FERREIRA



PROF. JOSÉ AILTON SILVA



PROF. JOSÉ DE ANGELIS CÔRTEZ

Ao pai Virgílio, "Eternamente",
e a mãe Tereza, pela formação
de amar e de verdade, dedico es
te trabalho.

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Elvio Carlos Moreira pela valiosa orientação e apoio na realização deste trabalho.

Aos Professores Francisco Cecílio Viana, José Ailton da Silva, Rabindranath Loyola Contreras, Homem Israel Ferreira pelas sugestões apresentadas.

Ao Dr. José Márcio Ribeiro pelo auxílio prestado na computação dos dados.

Aos colegas da Clínica Veterinária Santo Agostinho, Sociedade Protetora dos Animais, Centro Veterinário de Pequenos Animais, Hospital Veterinário da Escola de Veterinária da UFMG e Clínica Veterinária São Francisco de Assis pela coleta dos dados.

À Dra. Maria Carmem C. Dias pela ajuda e sugestões na elaboração deste trabalho.

A todos os colegas e amigos que, direta ou indiretamente, contribuíram na realização deste trabalho.

RESUMO

O perfil nosológico e as formas de criação da população canina de Belo Horizonte foram estudadas, através de coleta aleatória de dados, envolvendo 960 cães atendidos em cinco estabelecimentos veterinários de Belo Horizonte, levando-se em consideração a Região Metropolitana de Belo Horizonte de onde procediam os animais. O estudo envolveu 143 bairros de 5 das 8 regiões em que foi dividida a Região Metropolitana. Os resultados revelaram a existência de: maior frequência de cães SRD em todas regiões; machos alcançaram 55% na amostra; maior frequência de população com idade inferior a 36 meses em todas regiões; cães de companhia alcançaram 50,42% na amostra e de guarda 48,85%; o maior índice de cães com acesso às ruas foi verificado nas regiões III e IV, o maior índice de cães confinados em casas nas regiões II e IV e o maior índice de cães confinados em apartamentos na região I; a alimentação predominante foi a comida caseira em todas regiões; a média de cobertura vacinal antirrábica foi de 0,54 dose por animal (D/A), contra parvovirose 0,71 D/A e tríplice 0,72 D/A. No perfil nosológico foram observadas alterações digestivas e parvovirose (26,25%); alterações dermatológicas (14,22%); acidentes (13,18%); animais encaminhados para controle geral (9,83%); cinomose (9,51%); alterações reprodutivas (3,97%); otites (3,66%); alterações nutricionais (3,35%); picadas (insetos e carrapatos) (2,82%); alterações urinárias (2,41%); alterações genéticas e congênitas

(2,09%); alterações oftálmicas (2,20%); neoplasias (1,88%); alterações respiratórias (1,57%); intoxicações (0,63%); alterações metabólicas (0,63%); alterações odontológicas (0,63%); alterações cardiovasculares (0,52%); leptospirose (0,31%); erliquiose (0,31%).

SUMÁRIO

	Página
1. INTRODUÇÃO.....	1
2. LITERATURA CONSULTADA.....	5
3. MATERIAL E MÉTODOS.....	12
3.1. Local de estudo.....	12
3.2. Amostra.....	15
3.3. Apuração e análise dos dados.....	16
4. RESULTADOS.....	18
5. DISCUSSÃO.....	44
6. CONCLUSÕES.....	51
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	52

LISTA DE TABELAS

	Página
TABELA I - Cães atendidos em estabelecimentos veterinários, segundo o local de atendimento em Belo Horizonte, MG - de agosto de 1985 a setembro de 1986.....	23
TABELA II - Cães atendidos em estabelecimentos veterinários, segundo raça e região de Belo Horizonte, MG - de agosto de 1985 a setembro de 1986.....	24
TABELA III - Cães atendidos em estabelecimentos veterinários, de acordo com o sexo e região de Belo Horizonte, MG - de agosto de 1985 a setembro de 1986.....	27
TABELA IV - Cães atendidos em estabelecimentos veterinários, de acordo com a idade e região de Belo Horizonte, MG - de agosto de 1985 a setembro de 1986.....	28
TABELA V - Cães atendidos em estabelecimentos veterinários, de acordo com a finalidade da criação e região de Belo Horizonte, MG - de agosto de 1985 a setembro de 1986.....	29

TABELA	VI - Cães atendidos em estabelecimentos veterinários, de acordo com o tipo de criação e região de Belo Horizonte, MG - de agosto de 1985 a setembro de 1986.....	30
TABELA	VII - Cães atendidos em estabelecimentos veterinários, de acordo com o tipo de alimentação e região de Belo Horizonte, MG - de agosto de 1985 a setembro de 1986.....	31
TABELA	VIII - Número de doses de vacinas recebidas pelos cães atendidos em estabelecimentos veterinários, segundo tipo de vacina e região de Belo Horizonte, MG - de agosto de 1985 a setembro de 1986.....	32
TABELA	IX - Cães atendidos em estabelecimentos veterinários, segundo as causas de atendimento e região de Belo Horizonte, MG - de agosto de 1985 a setembro de 1986.....	33
TABELA	X - Variações do sistema digestivo dos cães atendidos em estabelecimentos veterinários segundo tipo de alimentação e região de Belo Horizonte, MG - de agosto de 1985 a setembro de 1986.....	35
TABELA	XI - Alterações dermatológicas dos cães atendidos em estabelecimentos veterinários, segundo tipo de alteração e região de Belo Horizonte, MG - de agosto de 1985 a setembro de 1986.....	36
TABELA	XII - Acidentes dos cães atendidos em estabelecimentos veterinários, segundo tipo de acidente e região de Belo Horizonte, MG - de agosto de 1985 a setembro de 1986.....	37

TABELA XIII - Alterações do sistema reprodutivo dos cães atendidos em estabelecimentos veterinários, segundo tipo de alteração e região de Belo Horizonte, MG - de agosto de 1985 a setembro de 1986.....	38
TABELA XIV - Alterações do sistema urinário dos cães atendidos em estabelecimentos veterinários, segundo tipo de alteração e região de Belo Horizonte, MG - de agosto de 1985 a setembro de 1986.....	39
TABELA XV - Alterações oftálmicas dos cães atendidos em estabelecimentos veterinários, segundo tipo de alteração e região de Belo Horizonte, MG - de agosto de 1985 a setembro de 1986.....	40
TABELA XVI - Alterações congênitas/genéticas dos cães atendidos em estabelecimentos veterinários, segundo tipo de alteração e região de Belo Horizonte, MG - de agosto de 1985 a setembro de 1986.....	41
TABELA XVII - Neoplasias dos cães atendidos em estabelecimentos veterinários, segundo a localização e região de Belo Horizonte, MG - de agosto de 1985 a setembro de 1986.....	42
TABELA XVIII - Demais ocorrências por diagnósticos clínicos dos cães atendidos em estabelecimentos veterinários em Belo Horizonte, MG - de agosto de 1985 a setembro de 1986.....	43



1. INTRODUÇÃO

O cão tem ocupado, em nossa cultura, papel de desta que durante todo o progresso histórico de domesticação.

Na organização social vigente, seja no meio rural ou no meio urbano, o cão participa da rotina de vida do ser humano, acompanhando o homem nas diferentes classes sociais.

Esta constante presença do cão ao lado do homem faz com que a população canina cresça de acordo com a concentração da população humana nos grandes centros. Isso foi verificado por SCHNEIDER (1975), na Califórnia, Estados Unidos, onde o crescimento da afluência e o movimento de populações humanas no centro da cidade para os subúrbios acarretam uma demanda crescente de animais de estimação; ROJAS (1976) afirma que as grandes migrações humanas do campo à cidade, a formação de conglomerados marginais urbanos, além do problema social, levam ao incremento da população canina.

Este incremento torna o cão cada vez mais presente na vida social humana e traz à tona dois pontos de análise:

- o primeiro relaciona-se com o cão na problemática da saúde pública. As agressões de cães a pessoas ocupam lugar de destaque nas ocorrências clínicas nos grandes conglomerados. Como exemplo, RIBEIRO NETO & MACHADO (1970), em São Paulo, Brasil, verificaram que, num universo de 26.260 atendimentos por agressões de animais naquele ano, 89% foram agressões por cães. De acordo com BERZON et alii (1972), em Baltimore, Maryland,

com uma população, na época, de 900.000 pessoas, 6.636 mordeduras por animais foram relatadas em 1969. Este total corresponde à metade de outras doenças comunicáveis na cidade. MORTON (1973) afirma que dados acumulados sobre mordeduras de animais pelo Programa da Raiva do Departamento de Saúde de Norfolk, Virgínia (EUA) de 1º de janeiro a 30 de junho de 1971, mostraram uma taxa de 319 mordeduras de animais para cada 100.000 pessoas nesses 6 meses. Foi relatado um total de 957 mordeduras no período ____ 843 por cães, 84 por gatos e 30 por outros animais. Os gastos médicos e de saúde pública resultantes das mordeduras causaram perdas econômicas consideráveis aos cidadãos de Norfolk. Segundo STEELE (1974), nos Estados Unidos, a cada ano, cerca de 600.000 pessoas são mordidas por animais e subsequentemente tratadas. Cerca de duas a três vezes este número de pessoas são mordidas e não tratadas. MOREIRA et alii (1976), em Belo Horizonte, Brasil, verificaram que de 15.814 indivíduos atendidos pelo serviço de tratamento antirrábico, no período de 1965 a 1971, 14.666 tinham sido agredidos por cães (92,75%). Desta forma, apesar de o cão não ser o único responsável por agressões ao ser humano entre os animais domésticos, observa-se, pelos autores citados, que aquela espécie animal tem papel predominate neste aspecto.

Ainda dentro do primeiro enfoque, sabe-se também que o cão constitui importante papel na transmissão de zoonoses, sendo o mais importante reservatório e transmissor da raiva urbana. FELDMANN (1974) relata que mais de 40 doenças são transmitidas do cão para o homem nos Estados Unidos.

- O segundo ponto de análise refere-se ao cão na condição de companheiro e segurança. Para DAVIS (1965), se o cão aceita certo indivíduo ou sua família, parece desenvolver um sentido de propriedade bem definido e está pronto a defender seu dono, sua casa ou sua propriedade contra intrusos. Este sentido de posse e de custódia existe em quase todos os cães, ainda que seja mais pronunciado em raças mais intrépidas e agressivas. Para FELDMANN (1974), o cão é um guardião e companheiro de brincadeiras que produz efeito terapêutico, não só

em pessoas emocionalmente perturbadas, mas também em neuróticos comuns como você e eu. KATCHER et alii (1983) identificam sete funções nos animais de estimação, das quais se espera que melhorem a saúde e aumentem a longevidade de seus proprietários: companheirismo, algo para acariciar, foco de atenção calmanete, algo para se manter ocupado, algo para cuidar, fonte de exercícios e segurança. Concluem que o grau de afeição do proprietário a seu animal pode influenciar-lhe o bem estar.

Baseando-se neste duplo enfoque acerca da presença do cão na sociedade humana, pode-se perceber a importância da espécie animal quando se verifica, em Belo Horizonte, uma população humana de 3.213.051 habitantes em 1986, segundo dados da FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (FIBGE) 1988, traduzindo uma população de 372.744 cães, conforme SILVA (1980).

Esse grande contingente de população canina insere-se em nosso contexto histórico, indicando pontos subjetivos que podem se relacionar com o momento tensional desta década, onde a solidão do ser humano é cada vez mais exacerbada, e a conjuntura sócio-político-econômica o obriga a um isolacionismo cada vez maior. Daí, surge a alternativa de um animal companheiro, fiel, disposto a ouvir sem perguntar e a defender sem esperar pagamento.

Além deste aspecto, é importante salientar o enfoque que recebe esta espécie animal nos currículos de formação profissional das Escolas de Veterinária de nosso país, bem como o avanço que se observa na clínica de pequenos animais, onde o cão figura com mais frequência.

Apesar de todo este espaço social ocupado pelo cão, poucos são os trabalhos realizados no Brasil que abordam o seu papel neste contexto. Faz-se necessário desenvolver uma linha de pesquisa voltada para a população canina, especialmente aquela que frequenta estabelecimentos veterinários, com o propósito de estudar a influência das variáveis sócio-econômicas nesta população e que vise não só à saúde pública mas também à saúde do animal. Para tanto, o presente trabalho pretende cor-

relacionar algumas características da população canina de Belo Horizonte, Minas Gerais, atendida em estabelecimentos veterinários. Toma-se, como ponto de análise a região metropolitana da qual se originou o animal. Em vista da dificuldade de se obter uma estratificação da área de estudo necessária para esta pesquisa, recorreu-se à classificação do PLANEJAMENTO DA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE (PLAMBEL - 1986) com algumas modificações, visando melhor caracterização das áreas. Apresentam-se os seguintes tópicos como objetivos:

- obter informações da camada da população canina de Belo Horizonte, no período de agosto/85 a setembro/86, atendida em alguns estabelecimentos veterinários relacionadas a raça, sexo, idade, modo de criação, finalidade da posse do cão, cobertura vacinal e doenças de maior ocorrência.

- Correlacionar estas variáveis, de acordo com as regiões de Belo Horizonte das quais se originaram os animais.

2. LITERATURA CONSULTADA

RANGEL & MACHADO (1951) registraram, no Departamento de Histologia e Anatomia Patológica da Escola Superior de Veterinária da Universidade Rural do Estado de Minas Gerais, no período de abril de 1934 a junho de 1946, 185 lesões por órgãos em cães, sendo mais freqüentes as ocorrências no sistema nervoso (SN) - 82 casos (44,32%). Destas ocorrências predominou a raiva - 74 casos (90,24%). Os mesmos autores, em trabalho publicado no mesmo ano, registraram, no período de julho de 1946 a dezembro de 1948, 142 ocorrências em cães, sendo mais freqüentes as alterações do SN - 88 casos (61,97%), todos por raiva.

LAMAS et alii (1958) registraram, no Departamento de Histologia e Anatomia Patológica da Escola Superior de Veterinária da Universidade Rural do Estado de Minas Gerais, no período de janeiro de 1955 a dezembro de 1957, 729 lesões por órgãos em cães, demonstrando maior freqüência de alterações digestivas com 269 casos (36,90%) e alterações do SN com 198 casos (27,16%). Das alterações digestivas predominaram as hepatopatias, com 133 ocorrências (49,44%) e das alterações do SN predominaram os casos de raiva - 131 (66,16%).

MACHADO et alii (1964) registraram, no período de janeiro de 1958 a dezembro de 1964, no Laboratório de Anatomia Patológica da Escola de Veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais, 2439 lesões por órgãos em cães, sendo mais fre-

quentes as alterações do SN, com 571 (23,41%) e do sistema digestivo, com 552 (22,63%). Das alterações do SN predominou a raiva, com 320 casos (56,04%) e do sistema digestivo as hepatopatias, com 422 casos (76,45%).

COSTA et alii (1967), estudando a incidência de lesões em animais do Estado de Minas Gerais, Brasil, no período de janeiro a dezembro de 1965, registraram 409 lesões por órgãos em cães, com maior frequência para aquelas do sistema digestivo, com 96 ocorrências (23,47%) e do sistema respiratório com 93 (22,74%). Das ocorrências do sistema digestivo predominaram as hepatopatias - 88 (91,67%) e do sistema respiratório predominaram as pneumonias - 93 (100%). Foram verificados 33 casos de raiva, o que significou 8,07% da amostra.

MILLS & NIELSEN (1967) pesquisaram a distribuição por idade, raça e sexo dos cães de Connecticut (Estados Unidos) e chegaram aos seguintes resultados: dos cães licenciados, 62% tinham 5 anos ou menos; 30% estavam entre 6 e 10 anos de idade. Cães sem raça definida (SRD) e mestiços contaram com 28,5%; as raças Beagle, Pastor Alemão, Collie, Poodle e Cocker Spaniel somaram 36%. A raça Boxer representou menos de 3% da população canina. Machos representaram 53,6% da amostra. Para cães atendidos no Departamento de Doenças Animais da Universidade de Connecticut, 27,4% tinham 4 anos de idade ou menos e 24% estavam além de 10 anos. Cães SRD e mestiços somaram 15,3% e as raças Terriers, Cocker Spaniel, Boxer e Poodle somaram 36,4%. Os machos representaram 45,7%. Vale ressaltar que nesta pesquisa os cães admitidos no Departamento incluía animais de todas as idades, enquanto a pesquisa estadual inclui apenas aqueles a partir de 6 meses de idade. Afirmam os mesmos autores que no estudo estatístico de incidência de doenças caninas, há necessidade de se utilizar a população canina total, evitando amostras tendenciosas de pacientes de apenas um estabelecimento veterinário.

ROBINSON (1967), estudando amostras populacionais de sete municípios e uma cidade dos Estados de Michigan, Massachusetts, Ohio e Alabama (Estados Unidos), indicou diferenças re-

gionais na distribuição por idade, raça e sexo. As raças mais freqüentes foram SRD e mestiços, Cocker Spaniel, Beagle, Podles, Pastor Alemão e Collie. Machos alcançaram 52,9% da amostra total. A média de idade da amostra foi de 4,7 anos, sendo que as fêmeas tiveram uma média de idade mais alta; foram observadas grandes diferenças regionais na média de idade da amostra. O mesmo autor afirma que a dinâmica das populações animais é imprescindível para compreensão da distribuição de doenças. O risco de doenças varia com a idade, raça, sexo e fatores ambientais que são parcialmente determinados pelos seus proprietários.

GOFFRERI et alii (1967), em estudo da tendência dos processos infecciosos, metabólicos, parasitários e reprodutivos do cão e do gato, relatam pouco aprofundamento em se registrar as entidades clínico-patológicas que afetam as espécies canina e felina, com exceção da raiva, no Chile. Os resultados alcançados em relação às entidades clínico-patológicas caninas possuem ordem de freqüência, ocupando o primeiro lugar as doenças infecciosas, seguidas das parasitárias, reprodutivas e metabólicas.

MOREIRA (1971) afirma que no Uruguai existe aproximadamente 1 cão para 4 habitantes (1:4); a relação de cães vacinados contra raiva é, em média, de 0,18 doses por animal (D/A). A idade predominante foi de cães de 0 a 2 anos, com 47%, sendo que cães acima de 10 anos significaram 5%. Houve predomínio de machos, com 79%. Da amostra total, 30% da população canina era alimentada com produtos industrializados, enquanto que 70% recebia restos de comida das famílias. O autor destaca, como importante, o aspecto de que no Balneário de Canelones, região de elite sócio-econômica, se compra alimento para 53% dos cães e na área urbana de Montevideo este percentual cai para 25%.

MÁLAGA (1971) encontrou em Lima, Peru, índice de 1 cão para 10,26 habitantes; houve predomínio de machos, com 2,49 machos para 1 fêmea; a idade média dos cães foi de 2,64 anos, havendo predomínio de população jovem em crescimento; a

relação de cães de raça/cães comuns foi 1 para 4,34, onde os cães comuns ou SRD significaram 81,27%; Pastor Alemão, 10,03%; Collie, 2,33%; Cocker Spaniel, 1,93%; Boxer, 0,91%; Doberman, 0,63%; Poodle e Dachshund, 0,48%; Pequinês, 0,45% e outras 1,5%. A causa mais freqüente de mortalidade observada pelos proprietários dos cães foi por envenenamento, com 30,75%, salientando que nos locais estudados desenvolve-se regularmente campanhas de eliminação canina; em segundo lugar aparecem os acidentes de trânsito, com 21,55%, seguidos pelas enfermidades, com 11,83%. Entre as classes sociais classificadas foi observado que cães de proprietários da classe C, de menor poder aquisitivo, tinham maior acesso às ruas.

O COMITÊ DE EXPERTOS DA OMS EM RAIVA (1973) relata que em programas de erradicação da raiva canina, deve-se reduzir rapidamente o número de animais susceptíveis, o que se consegue imunizando pelo menos 70% da população canina da área, em um prazo mais breve possível.

Segundo MATUS et alii (1974), no Chile, a tendência da criação de cães com finalidades afetivas, comerciais ou desportivas é observada em áreas de grandes cidades, onde há melhor nível sócio-econômico e cultural.

Segundo SCHNEIDER & VAIDA (1975), nos municípios de Alameda e Contra Costa, Califórnia, em 1970, a relação cão/habitantes era 1:7,3. Havia 47,8% de cadelas. Raças mais predominantes incluíam SRD e mestiços (53%); Poodles (13,27%); Pastor Alemão (6,06%); Dachshund (3,53%); Chihuahua (2,20%); Labrador Retriever (1,62%) e Beagle (1,32%). As categorias de idades inferiores a 4 anos predominaram.

MARTIN et alii (1977), estudando população canina da Província de Valdivia, Chile, encontraram relação de 1 cão para 7 habitantes; a distribuição das idades demonstrou que 29,5% dos cães era representada por indivíduos menores que 1 ano; 55,2% estavam entre 1 a 4,9 anos; 11,9% entre 5 a 8,9 anos e 3,3% acima de 9 anos. Houve predomínio de machos, com 74,7%. Os cães mestiços predominaram com 93,4%, seguidos do Pastor Alemão, Fox Terrier, Dálmata e Collie. Segundo os autores, a alta

quantidade de cães mestiços encontrada estava relacionada às condições sócio-econômicas e culturais existentes nas localidades estudadas. O percentual de cães que recebeu vacina antirrábica foi 54%. Ocorreu amplo predomínio de cães classificados como guardiães pelos seus proprietários (80,4%), como de companhia (19,6%). Quanto ao tipo de alimentação, encontraram 24,5% que recebia alimentos preparados e 75,5% restos de comida. Verificou-se também que da amostra somente 17% dos cães era mantido em confinamento permanente e 83%, temporário.

FIEDLER et alii (1977), estudando patologias de cães em Salvador, Bahia, no período de 01 de março de 1976 a 28 de fevereiro de 1977, em 215 animais, obtiveram os seguintes resultados de causa mortis: alterações traumáticas com 18,13%; verminoses, 9,76%; alterações cardiovasculares, 6,97%; cinomose, 6,97%; suspeitos de cinomose, 6,51%; intoxicações, 6,04%; sarnas, 5,11%; suspeitos de leptospirose, 2,59%; neoplasias, 1,86%; má-formações, 1,36%; dos outros, 13 foram sacrificados e não demonstraram alterações.

FUENTES RANGEL (1980), em estudo da população canina nas áreas metropolitanas da cidade do México, verificou relação de 1 cão para 6 habitantes; na distribuição das idades observou 7% menores que 3 meses; houve predominância de machos, com 66,66%; raça predominante foi a mestiça, com 61,05% do total e o percentual de vacinação antirrábica foi 30% da população canina.

MARTINEZ (1979), em estudo da frequência de intoxicações em cães, na área do México, relata que, de 363 cães recebidos para exame postmortem, durante os anos de 1977 e 1978, 49 (13,49%) tinham diagnóstico clínico de intoxicação.

SILVA (1980), em estudo da população canina em Belo Horizonte, Minas Gerais, verificou relação de 1 cão para 8,62 habitantes; o percentual de cães confinados significou 45,6%; cães confinados em regime temporário, 34,3% e sem confinamento, 20,1%. Verificou que 29,6% eram menores de 1 ano; 27,4% tinham de 1 a 2,9 anos; 16% de 3 a 3,9 anos e 27% acima de 4 anos. Em relação ao sexo, predominaram machos, com 61% da amostra. A co

bertura da vacinação antirrábica verificada foi de 67,3%.

WISE (1984), em pesquisa realizada nos Estados Unidos, afirma que, com relação às idades dos cães com donos, 19% de todos os cães tinham menos de 2 anos de idade; 37% tinham entre 6 e 10 anos e 12% mais de 10 anos.

SANCHO et alii (1985), estudando a frequência de enfermidades, segundo sexo e idade, numa amostra de 87 cães, em Costa Rica, verificaram que houve predominância de alterações digestivas em 28 cães (32,18%). As alterações digestivas diagnosticadas foram assim distribuídas: gastrenterite hemorrágica aguda, 11(12,64%), parasitosis gastrintestinais, 9 (10,34%), enterite hemorrágica aguda, 6 (6,90%) e insuficiência hepática, 2 (2,30%).

CORRES (1985) realizou censo de cães e gatos domésticos na área de Tandil, Argentina e encontrou relação de 1 cão para 6,57 habitantes; 1,87 machos por fêmeas; 59% de vacinação antirrábica e 38% de cães com acesso às ruas. Foram verificadas grandes diferenças quanto ao número de cães e gatos vacinados nas zonas de baixo, médio e alto nível cultural e sócio-econômico. O menor percentual foi verificado nas zonas de baixo nível e está relacionado com desconhecimento das enfermidades e menor acesso à informação.

AGOSTINI et alii (1986), estudando aspectos da demografia canina em Buenos Aires, encontraram relação de 1 cão para 6 habitantes, havendo predominância de animais com idade inferior a 4 anos (55,08%); foi observado ligeiro predomínio de machos (57,54%) e entre raças mais frequentes prevaleceram a indefinida (79,29%), Pastor Alemão (4,91%), Dachshund (4,21%), Pequineses (3,15%), Boxer (1,75%). Observaram que houve diferenças em relação às classes sociais. Na classe baixa verificou-se maior predominância de machos e de cães com raça indefinida, bem como menor número de raças que o observado na classe média.

OLIVEIRA et alii (1987), em estudo da epidemiologia da raiva canina e felina, em Uberlândia, Minas Gerais, encontraram 1 cão para 7,85 habitantes; 1,54 machos por fêmea; 44,3%

dos cães com acesso às ruas; dos cães confinados, verificaram que 96,65% viviam em casas e 3,34% em apartamentos; encontrou-se população jovem, com idade inferior a 4 anos (67,1%).

GOUVEIA et alii (1987) estudando a ocorrência de cinomose em cães com uma ou mais doses de vacina atendidos no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, verificaram 22,3% de cães com diagnóstico clínico de cinomose, o que, segundo os autores, pode se dever, ao grau de nutrição de cão, sua origem e individualidade, à qualidade das vacinas utilizadas e também ao modo de vacinação a que são submetidos alguns cães.

3. MATERIAL E MÉTODOS

3.1. Local de estudo

Belo Horizonte, capital do Estado de Minas Gerais, situada na região sudeste do Brasil, possui 335 Km², com população de 1986 estimada em 3.213.051 habitantes (FIBGE, 1988).

O PLANEJAMENTO DA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE - PLAMBEL (1986) classifica a região urbana de Belo Horizonte, nas seguintes macrorregiões:

- Região I - Núcleo Central
- Região II - Área Pericentral
- Região III - Pampulha
- Região IV - Eixo Industrial
- Região V - Periferias
- Região VI - Franja
- Região VII - Área de Expansão Metropolitana
- Região VIII - Área de comprometimento mínimo com a metropolização.

No presente estudo, tomou-se como referência trabalho básico da PLAMBEL (1986), que classifica a Região Metropolitana de Belo Horizonte. Foram acrescentados outros parâmetros que visaram melhor caracterizar cada área estudada, como se segue:

Região I - é composta, preponderantemente, pela par

cela da população que corresponde às classes mais privilegiadas da estrutura social metropolitana e percebe a mais elevada renda familiar média - 15,2 salários mínimos mensais.

Na sua distribuição compõe-se de bairros onde predominam edifícios comerciais e residenciais, até aqueles estritamente residenciais ou em processo de recém-urbanização, onde são construídas casas de luxo em terrenos amplos.

Como pode ser visto no MAPA I, situa-se entre a Área Pericentral, a Franja e a Área de Expansão Metropolitana.

Os bairros desta região envolvidos neste estudo, conforme divisão da PLAMBEL (1985), foram: Anchieta, Barro Preto, Belvedere, Buritis, Carmo Sion, Centro, Cidade Jardim, Cruzeiro, Funcionários, Grajaú, Gutierrez, Lourdes, Luxemburgo, Mangabeiras, Santo Agostinho, Santo Antônio, São Bento, São Pedro, Savassi, Sion e Vila Paris.

Região II - é ocupada principalmente por segmento da classe média baixa, cuja renda familiar média em 1981 era 7,1 salários mínimos mensais. Esta região, que ocupa grande extensão, limita-se com todas as outras envolvidas neste estudo (MAPA I). Caracteriza-se por bairros residenciais, tendo alguns tipicamente compostos por edifícios, outros por casas e vários mistos. Nos seus limites geográficos, assume algumas características das regiões vizinhas, sendo portanto uma região com diferentes padrões sócio-econômicos. Os bairros envolvidos neste estudo, conforme divisão da PLAMBEL (1985), foram: Alto Barroca, Alto dos Pinheiros, Barroca, Betânia, Bom Pastor, Bonfim, BR 381, Cachoeirinha, Caiçara, Carlos Prates, Cidade Nova, Coração Eucarístico, Dom Cabral, Esplanada, Floresta, Gameleira, Horto, Jardim América, João Pinheiro, Lagoinha, Minas Brasil, Monsenhor Messias, Nova Cachoeirinha, Nova Floresta, Nova Gameleira, Nova Granada, Nova Suíça, Nova Vista, Padre Eustáquio, Palmeiras, Paraíso, Parque Riachuelo, Parque São João Batista, Pompéia, Prado, Renascença, Sagrada Família, Salgado Filho, Santa Efigênia, Santa Tereza, Santo André, São Cristovão, São Francisco, São Geraldo, São Lucas, Senhor Bom Jesus, União.

Região III - esta região surgiu através de um empreendimento voltado para as elites que o realizaram através do Estado e tornaram o lago e seu entorno imediato como um setor composto por esta classe dominante.

Situam-se nesta região o "Campus" Universitário, o complexo esportivo do Mineirão e escritórios centrais de pelo menos duas empresas de grande porte.

Com o decorrer dos anos e a expansão da cidade, a região dominada pelas elites foi contornada por uma grande massa populacional de baixo poder aquisitivo, que provoca na região um grande contraste sócio-econômico. A fonte pesquisada não fornece a renda familiar média.

Limita-se em quase toda sua extensão, com a Periferias, tendo somente ao sul limite com a Área Pericentral (MAPA I).

Teve, conforme divisão da PLAMBEL (1985), os seguintes bairros envolvidos neste estudo: Antônio Diniz, Bandeirantes, Dona Clara, Engenho Nogueira, Itapoã, Jaraguã, Jardim Atlântico, Liberdade, Novo Itapoã, Panorama, Paquetã, Planalto, Santa Amélia, Santa Rosa, Santa Terezinha, São Bernardo, São Tomaz e Universitário.

Região IV - abriga população preponderantemente operária. Limita-se geograficamente com a Franja, Área Pericentral, Periferias, e Área de Expansão Metropolitana (MAPA I). O parque industrial aí consolidado é o mais importante do Estado. Embora já residam na área contingentes de classe média, sua renda familiar média era, em 1981, de 4,2 salários mínimos mensais, o que se traduz em população pobre.

Os bairros conforme divisão da PLAMBEL (1985), envolvidos neste estudo foram: Água Branca, Barreiro, Cabana, Camargos, Cidade Industrial, Contagem, Eldorado, Embaúbas, Ibiritê, Imperial, Industrial, Ipiranga, Jardim Vera Cruz, Lindéia, Magnesita, Nova Cintra, Riacho das Pedras, Santa Cruz, Santa Helena, Santa Inez, São Caetano, Tirol, Tupi, Vale do Jatobá, Vera Cruz e Vista Alegre.

Região V - tem sua identidade na pobreza e na acentuada dispersão de seu ambiente urbano. Limita-se com a Franja, Pampulha, Região Industrial, Área Pericentral e Área de Expansão Metropolitana (MAPA I).

Socialmente sua população é constituída pelas parcelas menos vinculadas ao mercado formal de trabalho, predominando trabalhadores da construção e dos serviços domésticos, cuja renda familiar média, em 1981, era de 3,7 salários mínimos mensais.

Os bairros representados neste estudo, conforme divisão da PLAMBEL (1985), foram: Aarão Reis, Alípio de Melo, Álvaro Camargos, Araruama, Belmont, Califórnia, Campo Alegre, Cerejeiras, Céu Azul, Conjunto Cristina, Dom Joaquim, Floramar, Glória, Guanabara, Guarani, Havaí, Heliópolis, Jardim Florença, Jardim Guanabara, Jardim Laguna, Mangueiras, Maria Goreti, Maria Helena, Maria Virgínia, Minas Caixa, Nações Unidas, Novo Glória, Pindorama, Pirajá, 19 de Maio e Providência.

Regiões VI, VII e VIII - estas regiões não apresentam papel significativo na estrutura da região metropolitana, nem demográfico, muito menos urbano. Todavia, possuem grande potencialidade de desenvolvimento e incorporação na estrutura urbana nos próximos anos, segundo o estudo desenvolvido pelo PLAMBEL (1985), o presente trabalho não envolveu bairros destas regiões representados.

3.2. Amostra

A amostra se constituiu de 960 cães atendidos em cinco estabelecimentos veterinários, tendo sido os dados coletados no período de agosto de 1985 a setembro de 1986, considerando-se, para escolha, destes estabelecimentos sua localização geográfica, demanda de atendimento e disponibilidade do veterinário responsável.

Segue abaixo a relação dos estabelecimentos veterinários e o número de amostras por cada um:

- Clínica Veterinária Santo Agostinho - 512 fichas.
- Sociedade Mineira Protetora dos Animais - 277 fichas.
- Centro Veterinário de Pequenos Animais - 80 fichas.
- Hospital Veterinário da Escola de Veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais - 72 fichas.
- Clínica Veterinária São Francisco de Assis - 19 fichas (TAB. I).

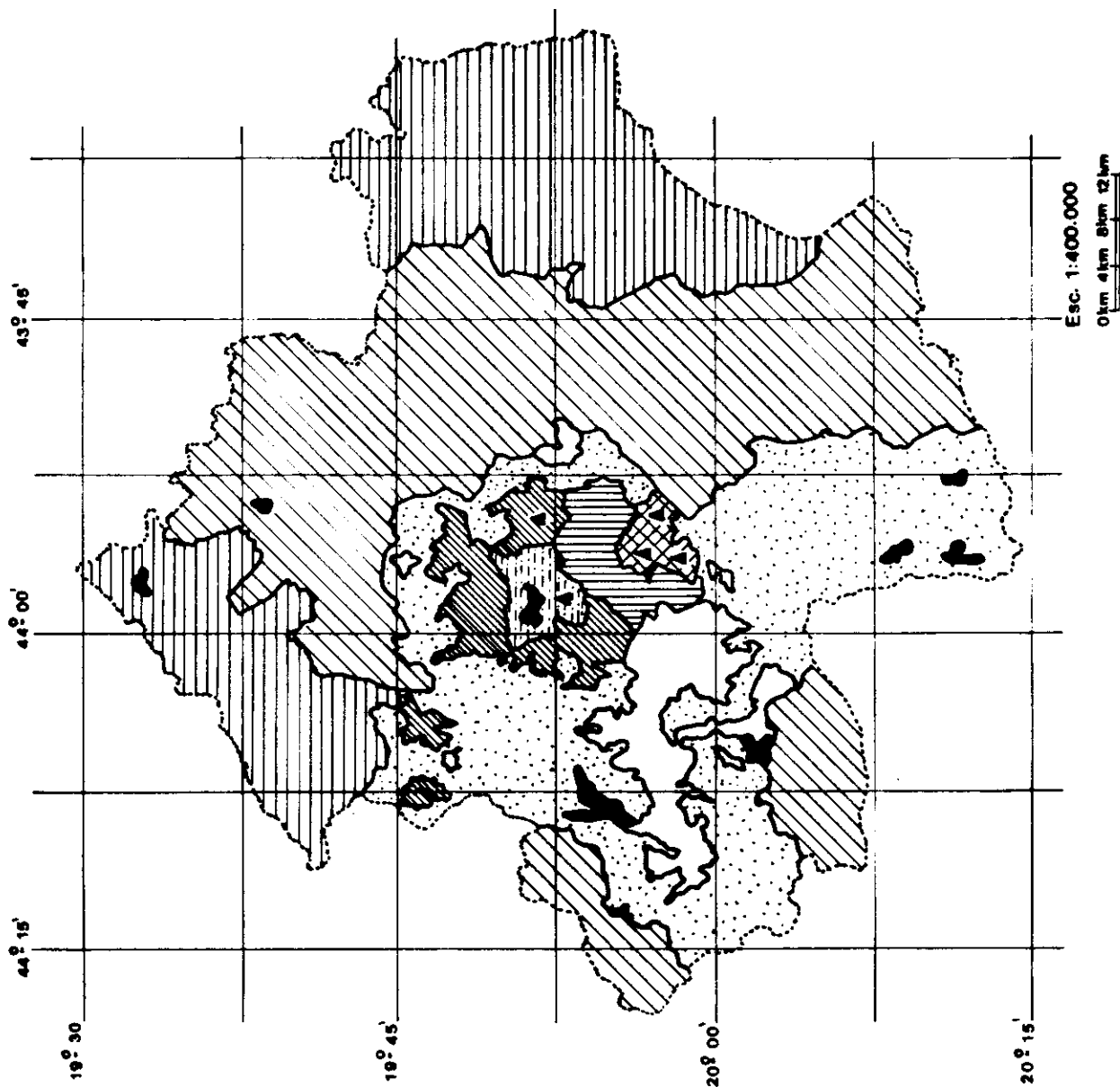
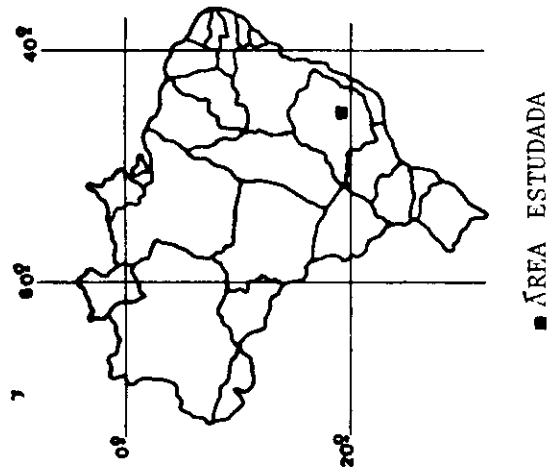
Os dados coletados nos estabelecimentos veterinários não correspondem à totalidade dos animais atendidos no período tendo sido a coleta realizada de acordo com a disponibilidade do veterinário responsável para tal.

Na coleta dos dados utilizou-se uma ficha para cada atendimento, que procurou obter informações sobre raça, sexo, idade, vacinações, tipo de criação, finalidade da posse do cão, alimentação, diagnóstico clínico e bairro de origem (ANEXO I).

3.3. Apuração e análise dos dados

A apuração, tabulação e síntese dos dados foram obtidas em Minicomputador Cobra 540 com 1 MB de memória, sistema operacional SOD, linguagem COBOL.

O programa elaborado compreendeu o conjunto de variáveis epidemiológicas dos atendimentos dentro de cada região, de acordo com a SUPERINTENDÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO DA REGIÃO METROPOLITANA - PLAMBEL (1985).



LEGENDA:

- ▲ CLÍNICAS VETERINÁRIAS
- ▨ NÚCLEO CENTRAL
- ▧ ÁREA PERICENTRAL
- ▩ PAMPULHA
- EIXO INDUSTRIAL
- ▨ PERIFERIAS
- ▩ FRANJA
- ▨ ÁREA EXPANSÃO METROPOLITANA
- ▩ ÁREA COMPROMETIMENTO MÍNIMO
- LIMITE DA RMBH
- LIMITE DA UNIDADE ESTADUAL
- LAGOS DE NÍVEL DE APROXIMAÇÃO
- LAGOAS E REPRESAS

Escala: 1:400.000

0km 4km 8km 12km

MAPA 1 - Localização das clínicas veterinárias na RMBH dividida em macroregiões, de acordo com sua organização sócio-econômica.

FONTE: PLAMBEL - 1986

4. RESULTADOS

Dos 960 cães atendidos, verificou-se amplo predomínio de cães SRD (42,81%), seguidos pelas raças Pastor Alemão (14,38%), Pequinês (7,19%), Fila Brasileiro (5,83%), Doberman (5,31%), Pinscher (4,48%), Cocker Spaniel (3,85%) e outras com menor percentual (TAB. II).

O aspecto racial nas diferentes regiões de Belo Horizonte, demonstrou na amostra, maior frequência de cães SRD, em todas elas, embora sejam quase absolutos na Região V e tenham menor predominância na Região I. A raça Pastor Alemão aparece em segundo lugar em todas as regiões e alcança maior expressão na Região IV. Na Região I, foi verificado maior número de raças (26), seguido pela II (19), III (15), IV (14) e V (15).

Em relação ao porte dos cães estudados, excetuando-se o SRD, que não tem porte definido, verificou-se que na Região I 41,92% eram raças de médio e grande porte e 36,87% raças de pequeno porte; na Região II, 35,53% eram de médio e grande porte e 31,87% de pequeno porte; na Região III, 43,90% eram de médio e grande porte e 12,20% eram de pequeno porte; na Região IV encontramos 44,23% de médio e grande porte e 16,03% de pequeno porte; na Região V, 21,51% de médio e grande porte e 5,98% de pequeno porte. Com isso, observou-se que houve predomínio das raças de grande e médio porte na amostra obtida de cada região, como pode ser verificado através da TAB. II.

Em relação à distribuição dos sexos, notou-se ligeira tendência na amostra para machos (55%), sendo a maior variação observada na Região V, onde 60,96% eram machos (TAB. III).

Na distribuição por idades, percebeu-se o predomínio de população jovem com menos de 36 meses (70,00%), e a faixa etária menos freqüente foi a de cães acima de 120 meses (4,90%). Nas diferentes regiões, a maior predominância de cães com idade inferior a 36 meses foi verificada na Região V, com 81,27% e na Região III, com 73,16%. O menor percentual de atendimento canino acima de 120 meses foi verificado na Região V (0,80%) (TAB. IV).

Verificou-se que houve ligeira opção dos proprietários em classificar seus cães como de companhia (50,42%); 48,85% classificaram seus cães como guardiães e apenas 0,73% os tinham com objetivos comerciais. Dentre as regiões, o maior predomínio do aspecto companhia foi verificado na Região I (63,13%), e na Região IV predominou o aspecto guardião, em 66,67%; nas outras regiões observaram-se pequenas variações (TAB. V).

Dos cães estudados, notou-se que 50,63% vivem em casas e 14,17% em apartamentos; 28,02% vivem subcontrolados, ou seja, têm acesso às ruas esporadicamente e 7,19% vivem soltos com livre acesso às ruas. Os maiores percentuais de cães confinados em apartamentos foram verificados nas Regiões I (33,84%) e II (17,58%); nas Regiões I, II e IV predominaram cães confinados em casas e nas Regiões III e V predominaram cães subcontrolados e sem controle (TAB. VI).

De acordo com o tipo de alimentação, verificou-se que a principal dieta oferecida aos cães foi de comida caseira (50,63%), seguida pela dieta mista (23,02%), ração (16,77%), dieta de filhotes (4,27%), angu (2,71%), carne (2,08%) e aparas de carne (0,52%). Na subamostra de filhotes (140), aqueles que recebiam dieta específica representaram 29,29%. Em todas as regiões observou-se a predominância de três tipos alimentares: comida caseira, mista e ração. Vale ressaltar que na Região V verificou-se grande predominância de comida caseira e mista, com baixo percentual de ração, que quase se equivaleu ao percentual de angu

(TAB. VII).

Entre os dados obtidos da vacinação dos animais, observou-se em relação à amostra total:

- Vacina contra parvovirose - 0,71 dose por animal (D/A)
- Vacina tríplice - 0,72 D/A
- Vacina antirrábica - 0,54 D/A

Nas regiões observou-se em relação às vacinas contra parvovirose e tríplice:

- Região I - 1,36 D/A
- Região II - 0,80 D/A
- Região III - 0,46 D/A
- Região IV - 0,69 D/A
- Região V - 0,21 D/A

Em relação à vacinação nas regiões:

- Região I - 0,57 D/A
- Região II - 0,52 D/A
- Região III - 0,56 D/A
- Região IV - 0,53 D/A
- Região V - 0,55 D/A (TAB. VIII).

Na distribuição das manifestações clínicas observadas na TAB. IX, verificou-se, em geral, a seguinte distribuição: alterações digestivas 15,06%; alterações dermatológicas 14,23%; acidentes 13,18%; parvovirose 11,19% (classificada à parte das digestivas pela sua importância de aparecimento); animais encaminhados para controle geral 9,83%; cinomose 9,52%; alterações reprodutivas 3,97%; otites 3,66%; alterações nutricionais 3,35%; picadas (insetos e carrapatos) 2,82%; alterações urinárias 2,41%; alterações congênitas e genéticas 2,09%; alterações oftálmicas 2,20%; neoplasias 1,88%; alterações respiratórias 1,57%; intoxicações 0,63%; alterações metabólicas 0,63%; alterações odontológicas 0,63; alterações cardiovasculares 0,52%; leptospirose 0,31; erliquiose 0,31%.

Nas tabelas que se seguem serão apresentadas causas de atendimento mais relevantes, de acordo com regiões envolvi-

das para estudo mais detalhado.

Alterações do sistema digestivo ocuparam papel de relevância em todas regiões. Na sua distribuição observa-se como mostra a TAB. X, amplo predomínio das gastrenterites em todas regiões. Na Região I, as gastrites isoladas e as diarréias alimentares ocuparam 25% das manifestações. Na Região II apareceram as constipações e as gastrites, com 18,92% das alterações. Na Região IV apareceram as diarréias alimentares, com 12% e nas demais regiões o predomínio foi absoluto das gastrenterites. O achado anterior associado ao encontrado em relação à parvovirose demonstra que 26,25% da amostra total tiveram atendimento veterinário por alterações do sistema digestivo.

Nas alterações dermatológicas (TAB XI) encontrou-se maior predomínio de dermatites. Nas diferentes regiões verificou-se que dermatites ocuparam sempre papel de destaque, com menor relevância na Região V, e que as sarnas ganharam importância nas Regiões III, IV e principalmente V.

Entre acidentes predominaram as quedas, com maior importância nas Regiões I e II (TAB. XI). As brigas assumiram maior relevância nas Regiões V e III e atropelamentos surgiram como importantes nas Regiões IV, II e V. Os demais acidentes apareceram nas regiões sem muito significado, com exceção dos traumatismos ocorridos na Região I.

Dos atendimentos ligados ao aparelho reprodutor, verificou-se, conforme mostra a TAB. XIII, que os mais frequentes foram partos e infecções uterinas.

Das alterações do sistema urinário, predominaram nefrites e cistites, distribuídas em todas regiões, com exceção da Região IV, onde não se registrou cistite (TAB. XIV).

Entre problemas oftálmicos, predominaram conjuntivites e úlceras de córnea, presentes em todas regiões (TAB. XV).

Nas alterações congênitas/genéticas, predominaram displasias coxo-femorais (TAB. XVI).

Das neoplasias, predominaram tumores de Sticker, com maior aparecimento na Região V (TAB. XVII).

As demais manifestações clínicas vêm relacionadas na TAB. XVIII.

Observou-se ainda conforme pode ser verificado na TAB. IX, que alterações nutricionais atingiram maior grau de importância nas Regiões III e V; otites e picadas de insetos e carrapatos não sofreram variações significativas entre regiões.

TABELA I - Cães atendidos em estabelecimentos veterinários, segundo o local de atendimento em Belo Horizonte, MG - de agosto de 1985 a setembro de 1986

Local do atendimento	Nº de cães	%
Clínica Veterinária São Francisco de Assis	19	1,98
Hospital Veterinário da Escola de Veterinária/UFMG	72	7,50
Centro Veterinário Pequenos Animais	80	8,33
Sociedade Mineira Protetora dos Animais	277	28,86
Clínica Veterinária Santo Agostinho	512	53,33
TOTAL	960	100,00

TABELA II - Cães atendidos em estabelecimentos veterinários, segundo raça e região de Belo Horizonte, MG - de agosto de 1985 a setembro de 1986

Raça	Região		I		I,I		III		IV		V		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Afghan Hound	01	0,51	02	0,73	-	-	-	-	-	-	-	-	03	0,31
Basset Hound	03	1,52	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	03	0,31
Beagle	-	-	-	-	01	1,22	-	-	-	-	-	-	01	0,10
Bichon Frisé	03	1,52	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	03	0,31
Borzoi	01	0,51	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01	0,10
Boxer	05	2,53	01	0,37	-	-	04	2,56	01	0,40	-	-	11	1,15
Chihuahua	01	0,51	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01	0,10
Cocker	16	8,08	09	3,30	05	6,10	05	3,21	02	0,80	-	-	37	3,85
Collie	03	1,52	03	1,10	02	2,44	01	0,64	01	0,40	-	-	10	1,04
Dachshund	06	3,03	04	1,47	-	-	01	0,64	-	-	-	-	11	1,15
Dálmata	05	2,53	04	1,47	03	3,66	01	0,64	03	1,20	-	-	16	1,67
Doberman	14	7,07	15	5,49	07	8,54	11	7,05	04	1,59	-	-	51	5,31
Dog Alemão	09	4,55	04	1,47	01	1,22	-	-	01	0,40	-	-	15	1,56
Fila Brasileiro	07	3,54	11	4,03	08	9,76	15	9,62	15	5,98	-	-	56	5,83
Fox Terrier	04	2,02	07	2,56	-	-	02	1,28	-	-	-	-	13	1,35

TABELA II (continuação)

Região Raça	I		II		III		IV		V		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Husky Siberiano	02	1,01	-	-	-	-	-	-	-	-	02	0,21
Lhasa Apso	-	-	02	0,73	-	-	-	-	-	-	02	0,21
Maltês	01	0,51	-	-	-	-	-	-	-	-	01	0,10
Old English	-	-	-	-	-	-	-	-	01	0,40	01	0,10
Pastor Alemão	24	12,12	46	16,85	11	13,41	32	20,51	25	9,96	138	14,38
Pastor Belga	-	-	01	0,37	-	-	-	-	01	0,40	02	0,21
Pequines	17	8,59	30	10,99	02	2,44	14	8,97	06	2,39	69	7,19
Pinscher	12	6,06	23	8,42	01	1,22	02	1,28	05	1,99	43	4,48
Pirineus	01	0,51	-	-	01	1,22	-	-	-	-	02	0,21
Pointer	04	2,02	02	0,73	-	-	-	-	01	0,40	07	0,73
Poodle	09	4,55	08	2,93	01	1,22	01	0,64	02	0,80	21	2,19
Rotweiler	-	-	-	-	01	1,22	-	-	-	-	01	0,10
São Bernardo	-	-	-	-	01	1,22	02	1,28	-	-	03	0,31
Scottish Terrier	02	1,01	-	-	-	-	-	-	-	-	02	0,21
Sem raça definida	42	21,21	89	32,60	36	43,90	62	39,74	182	72,51	411	42,81



TABELA II (continuação)

Região	I		II		III		IV		V		Total	
Raça	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Setter Irlandês	03	1,52	08	2,93	01	1,22	03	1,92	01	0,40	16	1,67
Weimaraner	01	0,51	-	-	-	-	-	-	-	-	01	0,10
Yorkshire Terrier	02	1,01	04	1,47	-	-	-	-	-	-	06	0,63
TOTAL	198	100,1	273	100,0	82	100,0	156	100,0	251	100,0	960	100,0

TABELA III - Cães atendidos em estabelecimentos veterinários,
de acordo com o sexo e região de Belo Horizonte ,
MG - de agosto de 1985 a setembro de 1986

Região Metropolitana	Machos		Fêmeas		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Região I	110	55,56	88	44,44	198	100
Região II	134	49,08	139	50,92	273	100
Região III	46	56,10	36	43,90	82	100
Região IV	85	54,49	71	45,51	156	100
Região V	153	60,96	98	39,04	251	100
TOTAL	528	55,00	432	45,00	960	100

TABELA IV - Cães atendidos em estabelecimentos veterinários, de acordo com a idade e região de Belo Horizonte, MG - de agosto de 1985 a setembro de 1986

Idade	Região	I		II		III		IV		V		Total	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
0 -	2 m	31	15,66	43	15,75	13	15,85	17	10,90	36	14,34	140	14,58
2 -	8 m	44	22,22	58	21,25	18	21,95	45	28,85	79	31,47	244	25,42
8 -	18 m	25	12,63	32	11,72	17	20,73	18	11,54	45	17,93	137	14,27
18 -	36 m	36	18,18	37	13,55	12	14,63	22	14,10	44	17,53	151	15,73
36 -	120 m	49	24,75	81	29,67	18	21,95	48	30,77	45	17,93	241	25,10
≥	120 m	13	6,57	22	8,06	04	4,88	06	3,85	02	0,80	47	4,90
TOTAL		198	100,0	273	100,0	82	100,0	156	100,0	251	100,0	960	100,0

TABELA V - Cães atendidos em estabelecimentos veterinários, de acordo com a finalidade da criação e região de Belo Horizonte, MG - de agosto de 1985 a setembro de 1986

Região	I		II		III		IV		V		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Guarda	73	36,87	124	45,42	45	54,88	104	66,67	123	49,00	469	48,85
Companhia	125	63,13	145	53,11	37	45,12	51	32,69	126	50,20	484	50,42
Outros (comercial)	-	-	04	1,47	-	-	01	0,64	02	0,80	07	0,73
TOTAL	198	100,00	273	100,00	82	100,00	156	100,00	251	100,00	960	100,00

TABELA VI - Cães atendidos em estabelecimentos veterinários, de acordo com o tipo de criação e região de Belo Horizonte, MG - de agosto de 1985 a setembro de 1986

Tipo de controle	Região		I		II		III		IV		V		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Controlado (casa)	98	49,49	168	61,54	35	42,68	106	67,95	79	31,47	486	50,63		
Controlado (apto)	67	33,84	48	17,58	02	2,44	10	6,41	09	3,59	136	14,17		
Subcontrolado	24	12,12	42	15,38	39	47,56	29	18,59	135	53,78	269	28,02		
Sem controle	09	4,55	15	5,49	06	7,32	11	7,05	28	11,16	69	7,19		
TOTAL	198	100,00	273	100,00	82	100,00	156	100,00	251	100,00	960	100,00		

TABELA VII - Cães atendidos em estabelecimentos veterinários, de acordo com o tipo de alimentação e região de Belo Horizonte, MG - de agosto de 1985 a setembro de 1986

Tipo de alimentação	I		II		III		IV		V		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Angu	-	-	03	1,10	04	4,88	04	2,56	15	5,98	26	2,71
Carne	07	3,54	05	1,83	01	1,22	05	3,21	02	0,80	20	2,08
Comida caseira	87	43,94	148	54,21	34	41,46	68	43,59	149	59,36	486	50,63
Dieta de filhote	11	5,56	19	6,96	02	2,44	04	2,56	05	1,99	41	4,27
Mista*	53	26,77	48	17,58	25	30,49	37	23,72	58	23,11	221	23,02
Aparas de carne	-	-	-	-	03	3,66	-	-	02	0,80	05	0,52
Ração	40	20,20	50	18,32	13	15,85	38	24,36	20	7,97	161	16,77
TOTAL	198	100,00	273	100,00	82	100,00	156	100,00	251	100,00	960	100,00

* Mista (ração, carne, comida caseira).

TABELA VIII - Número de doses de vacinas recebidas pelos cães atendidos em estabelecimentos veterinários, segundo tipo de vacina e região de Belo Horizonte, MG - de agosto de 1985 a setembro de 1986

Região	Vacina	Parvovirose		Tríplice		Antirrábica	
		Nº	D/A	Nº	D/A	Nº	D/A
Região I		276	1,39	271	1,37	112	0,57
Região II		212	0,78	223	0,82	142	0,52
Região III		38	0,46	38	0,46	46	0,56
Região IV		106	0,68	107	0,69	82	0,53
Região V		50	0,20	53	0,21	139	0,55
TOTAL		682	0,71	692	0,72	521	0,54

TABELA IX - Cães atendidos em estabelecimentos veterinários, segundo as causas de atendimento e região de Belo Horizonte, MG - de agosto de 1985 a setembro de 1986

Região	I		II		III		IV		V		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Acidentes	27	13,64	43	15,87	09	10,98	23	14,94	24	9,56	126	13,18
Cinomose	05	2,53	25	9,23	07	8,54	12	7,79	42	16,73	91	9,52
Cardiovasculares	01	0,51	02	0,74	01	1,22	01	0,65	-	-	05	0,52
Congênitas/genéticas	03	1,52	08	2,95	01	1,22	05	3,25	03	1,20	20	2,09
Controle	34	17,17	26	9,59	04	4,88	20	12,99	10	3,98	94	9,83
Dermatológicos	39	19,70	31	11,44	11	13,41	19	12,34	36	14,34	136	14,23
Digestivos	28	14,14	37	13,65	10	12,20	25	16,23	44	17,53	144	15,06
Erliquiose	-	-	02	0,74	-	-	01	0,65	-	-	03	0,31
Leptospirose	01	0,51	01	0,37	-	-	-	-	01	0,40	03	0,31
Metabólicos adquiridos	02	1,01	03	1,11	-	-	-	-	01	0,40	06	0,63
Neoplasias	01	0,51	07	2,58	-	-	03	1,95	07	2,79	18	1,88
Nutricionais	02	1,01	05	1,85	05	6,10	03	1,95	17	6,77	32	3,35
Oftálmicos	02	1,01	08	2,95	04	4,88	02	1,30	05	1,99	21	2,20
Odontológicos	01	0,51	02	0,74	-	-	02	1,30	01	0,40	06	0,63

TABELA IX (continuação)

Região	I		II		III		IV		V		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Atendimentos	09	4,55	07	2,58	03	3,66	06	3,90	10	3,98	35	3,66
Otites	15	7,58	33	12,18	09	10,98	17	11,04	33	13,15	107	11,19
Parvovirose	09	4,55	06	2,21	03	3,66	05	3,25	04	1,59	27	2,82
Picadas (insetos e carrapatos)	10	5,05	12	4,43	08	9,76	06	3,90	02	0,80	38	3,97
Reprodutivos	01	0,51	04	1,48	02	2,44	03	1,95	05	1,99	15	1,57
Respiratórios	03	1,52	02	0,74	01	1,22	-	-	-	-	06	0,63
Intoxicações	05	2,53	07	2,58	04	4,88	01	0,65	06	2,39	23	2,41
Urinários												
TOTAL	198	100,00	271	100,00	82	100,00	154	100,00	251	100,00	956	100,00

TABELA X - Alterações do sistema digestivo dos cães atendidos em estabelecimentos veterinários, segundo tipo de alimentação e região de Belo Horizonte, MG - de agosto de 1985 a setembro de 1986

Alteração	I		II		III		IV		V		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Constipação	01	3,57	04	10,81	-	-	-	-	-	-	05	3,47
Diarreias alimentares	03	10,71	01	2,70	-	-	03	12,0	01	2,27	08	5,56
Hepatite	-	-	01	2,70	-	-	01	4,0	-	-	02	1,39
Gastrites	04	14,29	03	8,11	-	-	-	-	-	-	07	4,86
Gastrenterites	20	71,43	28	75,68	10	100,00	20	80,0	43	97,73	121	84,03
Rânula	-	-	-	-	-	-	01	4,0	-	-	01	0,69
TOTAL	28	100,00	37	100,00	10	100,00	25	100,00	44	100,00	144	100,00

TABELA XI - Alterações dermatológicas dos cães atendidos em estabelecimentos veterinários, segundo tipo de alteração e região de Belo Horizonte, MG - de agosto de 1985 a setembro de 1986

Alteração	I		II		III		IV		V		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Demodicose	03	7,69	04	12,90	03	27,27	05	26,32	07	19,44	22	16,18
Dermatite	19	48,72	14	45,16	03	27,27	06	31,58	05	13,89	47	34,56
Escabiose	03	7,69	02	6,45	03	27,27	04	21,05	21	58,33	33	24,26
Hormonais	-	-	03	9,68	-	-	02	10,53	01	2,78	06	4,41
Micose	07	17,95	08	25,81	02	18,18	01	5,26	02	5,56	20	14,71
Seborréia	07	17,95	-	-	-	-	01	5,26	-	-	08	5,88
TOTAL	39	100,00	31	100,00	11	100,00	19	100,00	36	100,00	136	100,00

TABELA XII - Acidentes dos cães atendidos em estabelecimentos veterinários, segundo tipo de acidente e região de Belo Horizonte, MG - agosto de 1985 a setembro de 1986

Região Acidente	I		II		III		IV		V		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Agressões	01	3,70	-	-	01	11,11	-	-	01	4,17	03	2,38
Atropelamentos	01	3,70	12	27,91	01	11,11	09	39,13	05	20,83	28	22,22
Brigas	07	25,93	06	13,95	04	44,44	06	26,09	09	37,50	32	25,40
Cortes/feridas	-	-	05	11,63	01	11,11	03	13,04	03	12,50	12	9,52
Quedas	10	37,04	16	37,21	01	11,11	05	21,74	03	12,50	35	27,78
Traumatismos	08	29,63	04	9,30	01	11,11	-	-	03	12,50	16	12,70
TOTAL	27	100,00	43	100,00	09	100,00	23	100,00	24	100,00	126	100,00

TABELA XIII - Alterações do sistema reprodutivo dos cães atendidos em estabelecimentos veterinários, segundo tipo de alteração e região de Belo Horizonte, MG - de agosto de 1985 a setembro de 1986

Região	I		II		III		IV		V		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Agalaxia	01	9,09	-	-	-	-	-	-	-	-	01	2,63
Balanite	01	9,09	-	-	-	-	-	-	-	-	01	2,63
Edema mamário	-	-	02	18,18	-	-	-	-	-	-	02	5,26
Eclâmpsia	01	9,09	01	9,09	-	-	-	-	01	50,0	03	7,89
Metrite	01	9,09	-	-	01	12,50	03	50,0	-	-	05	13,16
Orquite	-	-	-	-	03	37,50	-	-	-	-	03	7,89
Parto distócico	03	27,27	05	45,45	03	37,50	02	33,33	-	-	13	34,21
Piometra	03	27,27	03	27,27	01	12,50	01	16,67	01	50,0	09	23,68
Vaginite	01	9,09	-	-	-	-	-	-	-	-	01	2,63
TOTAL	11	100,00	11	100,00	08	100,00	06	100,00	02	100,00	38	100,00

TABELA XIV - Alterações do sistema urinário dos cães atendidos em estabelecimentos veterinários, segundo tipo de alteração e região de Belo Horizonte, MG - de agosto de 1985 a setembro de 1986

Região Alteração	Nefrite Nº	Cistite Nº	Cálculo renal Nº	Total Nº
Região I	04	-	01	05
Região II	06	01	-	07
Região III	03	01	-	04
Região IV	01	-	-	01
Região V	02	04	-	06
TOTAL	16	06	01	23

TABELA XV - Alterações oftálmicas dos cães atendidos em estabelecimentos veterinários, segundo tipo de alteração e região de Belo Horizonte, MG - de agosto de 1985 a setembro de 1986

Região Alteração	I	II	III	IV	V	Total
Catarata	-	02	-	-	-	02
Ceratite	-	-	01	-	-	01
Conjuntivite	01	03	02	-	02	08
Protusão 3ª pálpebra	-	-	-	-	02	02
Úlcera de córnea	01	03	01	02	01	08
TOTAL	02	08	04	02	05	21



TABELA XVI - Alterações congênitas/genéticas dos cães atendidos em estabelecimentos veterinários, segundo tipo de alteração e região de Belo Horizonte, MG - de agosto de 1985 a setembro de 1986

Região Alteração	I	II	III	IV	V	Total
Deformação óssea	-	01	-	-	-	01
Diabetes mellitus	01	-	-	-	-	01
Displasia coxo-femural	-	01	01	02	03	07
Encurtamento tendão	-	01	-	-	-	01
Epilepsia	01	01	-	02	-	04
Hérnia umbilical	-	02	-	01	-	03
Luxação de patela	-	02	-	-	-	01
Palatosquise	01	-	-	-	-	01
TOTAL	03	08	01	05	03	20

TABELA XVII - Neoplasias dos cães atendidos em estabelecimentos veterinários, segundo a localização e região de Belo Horizonte, MG - de agosto de 1985 a setembro de 1986

Região Localização	Genital (Sticker)	Mamária	Subcutânea	Total
Região I	-	01	-	01
Região II	03	02	02	07
Região III	-	-	-	-
Região IV	03	-	-	03
Região V	06	-	01	07
TOTAL	12	03	03	18

TABELA XVIII- Demais ocorrências por diagnósticos clínicos dos cães atendidos em estabelecimentos veterinários em Belo Horizonte, MG - de agosto de 1985 a setembro de 1986

Respiratórios	Intoxicações	Odontológicos	Metabólicos adquiridos	Cardiovasculares	Parasitários
Broncopneumonia	(6) carbamatos	(1) gengivite	(2) calcificação	ICC (5)	erliquiose (3)
Edema pulmonar	(2) cresol	(2) tártaro	(4) intervertebral	(5)	leptospirose (3)
Rinite	(1) dicumarina	(2)	osteoporose	(1)	
Traqueíte	(6) medicamentos	(1)			
TOTAL	15	6	6	5	6

5. DISCUSSÃO

Nos cães atendidos em estabelecimentos veterinários observou-se que, em geral, predominaram cães SRD, concordando com o encontrado em estudos de populações caninas por MILLS & NIELSEN (1967) e ROBINSON (1967). MÁLAGA (1971), SCHNEIDER & VAIDA (1975), MARTIN et alii (1977), FUENTES RANGEL (1980) e AGOSTINI et alii (1986).

Entre os cães de raça, o predomínio do Pastor Alemão foi também verificado em estudos de populações caninas de MÁLAGA (1971), MARTIN et alii (1977), AGOSTINI et alii (1986).

As maiores variações de raças foram observadas nas regiões I e II e as menores nas regiões III, IV e V, que possuem menores condições sócio-econômicas e culturais. Observou-se também predomínio quase absoluto de cães SRD na região V. Estes achados foram também verificados por AGOSTINI et alii (1986).

Na classificação dos sexos, nota-se predomínio de machos, o que também se verificou em estudos de MILLS & NIELSEN (1967) para cães licenciados, ROBINSON (1967), MOREIRA (1971), MÁLAGA (1971), SCHNEIDER & VALDA (1975), MARTIN et alii (1977), FUENTES RANGEL (1980), SILVA (1980), CORRES (1985), AGOSTINI et alii (1986), OLIVEIRA et alii (1987). Na classificação dos sexos por regiões de Belo Horizonte, verificou-se li geira tendência para machos, com exceção da região V, onde o predomínio foi acentuado, sendo esta a região de menor poder a

quisitivo, o que também foi observado por AGOSTINI et alii (1986). A predominância de machos pode ser influenciada, de acordo com SILVA (1980), pelo grau de controle que o homem exerce sobre a população canina, eliminando fêmeas em virtude de aspectos inconvenientes ligados à época do cio, complicações do parto e outros. Em populações caninas que frequentam estabelecimentos veterinários pode não ocorrer diferença significativa em relação ao sexo, uma vez que muitos são os recursos para se minimizar os aspectos citados por SILVA (1980) que envolvem as fêmeas, tais como anticoncepcionais, cirurgias esterilizantes e outros.

Na distribuição por idades predominaram animais jovens, com idade inferior a 36 meses (70,00%). Os autores que verificaram predominância de população jovem foram MILLS & NIELSEN (1967), ROBINSON (1967), MOREIRA (1971), MÁLAGA (1971), SCHNEIDER & VAIDA (1975), MARTIN et alii (1977), SILVA (1980), WISE (1984), AGOSTINI et alii (1986), OLIVEIRA et alii (1987).

Verificando idades por regiões de Belo Horizonte, observou-se que o maior predomínio da população canina com idade inferior a 36 meses foi encontrado na região V, com 81,27%, seguida da região III, com 73,16%; estes dados sugerem que existe maior índice de renovação da população canina nestas regiões, com menores percentuais de cães acima de 36 meses (18,73% e 26,83%, respectivamente).

Em cada região houve predomínio de animais jovens com menor índice de atendimento de cães adultos e idosos.

Analisando a finalidade de posse dos animais, observou-se que, entre os cães atendidos, houve predominância na declaração dos proprietários em relação à guarda e companhia, sendo insignificante o aspecto comercial, embora não se deva deixar de relatar que muitos dos proprietários utilizam seus cães como fonte de recursos através da venda de ninhadas ou de filhotes adquiridos como pagamento pela cessão do macho para cruzamento. Estes resultados diferem dos de MARTIN et alii (1977), pelo tipo de amostra envolvida.

Na distribuição por regiões, notou-se que na região

I houve predomínio do aspecto companhia, o que concorda com a afirmativa de MATUS et alii (1974). Na região IV verificou-se predomínio do aspecto guardião, devendo-se levar em consideração que nesta região existe a massa operária assalariada, com maior índice de cães controlados em casa. Nas demais, houve se melhança entre estas duas atribuições.

Na amostra geral observaram-se 64,80% de cães confi nados em casas e apartamentos e 35,21% com acesso às ruas. O índice de cães confinados foi superior ao encontrado nos traba lhos de MARTIN et alii (1977), SILVA (1980), CORRES (1985), O-LIVEIRA et alii (1987). Isto pode se dever ao fato de que a amostra trabalhada somente contou com cães que freqüentam esta belecimentos veterinários, o que pode traduzir maior nível de informação de seus proprietários em relação aos cuidados nece sários com seus animais.

*As regiões V e III apresentaram maiores percentuais de cães com acesso às ruas, o que pode se dever à condição sô cio-econômica e cultural que envolve estas regiões, fato tam- bê m observado por MÁLAGA (1971).

Entre os cães confinados por regiões houve predomí- ni o do confinamento em casas, com maior expressão na região IV que apresentou também maior percentual de cães guardiães e de raças de médio e grande porte. As regiões I e II apresentaram maiores índices de cães confinados em apartamentos, com maior percentual de cães de companhia e pequeno porte.

Nos tipos de alimentação foram expressivos em todas regiões os percentuais de comida caseira e dieta mista, ou se- ja, alimentos da família que são oferecidos, ainda que acres- ci dos de produtos comerciais prontos para cães. Ração foi ofe- re cida com percentual também significativo nas regiões, com ex- ce ção da região V, de menor poder aquisitivo, o que também foi ver ificado por MOREIRA (1971). A diversificação alimentar ob- ser vada nas diferentes regiões pode ser abordada pelo nível sô cio-econômico e cultural ou sob o ponto de vista afetivo, onde mu itos proprietários oferecem a seus cães alimentos vari ados com intuito de lhes oferecer o melhor. Este reflexo pode ser

observado na região I. Outros tipos de alimentação não ganharam muita importância, valendo ressaltar que dieta de angu foi pouco mais evidente na região V, onde se pode sugerir influência direta de aspectos sócio-econômicos e culturais. Dieta de filhotes pode ser verificada com maior expressão nas regiões II e I, o que pode sugerir maior preocupação dos proprietários dos cães destas regiões com a criação adequada de seus animais recém-adquiridos.

Em relação à vacinação houve semelhança entre as regiões no que se refere à vacinação antirrábica, o que pode ser creditado à vacinação pública gratuita que atende toda Região Metropolitana. A vacinação antirrábica atingiu na amostra 54%, o que não está de acordo com o recomendado pelo COMITÉ DE EXPERTOS DA OMS EM RAIVA (1973), levando-se em consideração que nos estabelecimentos veterinários é rotina recomendar-se esta prática, a partir dos 5 meses de idade, dando-se, nos primeiros meses, prioridade à vacinação contra parvovirose e tríplice. Nas vacinas contra parvovirose e tríplice observou-se que nenhuma região apresentou o nível satisfatório de 3 D/A. A região I demonstrou maior número de animais vacinados seguida da II e IV. As regiões III e V demonstraram os índices mais baixos. Isto nos parece relevante e pode representar um comportamento diferenciado frente aos programas de vacinação, baseados na origem do animal, sendo que os animais oriundos de regiões de maior ocorrência destas doenças podem necessitar da vacinação precoce, soro hiperimune etc. Isto nos dá uma idéia da difícil tarefa, em nosso meio, de tentar erradicar ou mesmo controlar as doenças preveníveis por vacinação. Outro detalhe a ser ressaltado, comparando-se os níveis de vacinação antirrábica, contra parvovirose e tríplice, é que as duas últimas vacinas não são tarefa dos serviços públicos gratuitos, uma vez que o cuidado com a saúde do cão encontra maior apoio na iniciativa privada.

Os achados de RANGEL & MACHADO (1951), LAMAS et alii (1958), MACHADO et alii (1964) e COSTA et alii (1967) realizados na Escola de Veterinária de Minas Gerais, nos fornecem

um perfil nosológico diferente do verificado no presente estudo, devendo-se levar em consideração que estes autores trabalharam com animais mortos, encaminhados para necrópsia, e registraram as lesões por órgãos, embora seja evidente no tocante a raiva uma real diminuição dos casos, uma vez que no presente estudo não houve ocorrência desta doença.

Nas alterações clínicas observadas, analisou-se cada item diferencialmente. Nas alterações do sistema digestivo predominaram as gastrenterites em todas regiões, e duas hipóteses podem ser formuladas: a interferência do tipo de alimentação dos cães em seu fisiologismo digestivo e a existência de verminoses intestinais em larga escala. O predomínio de alterações clínicas do sistema digestivo, incluindo aquelas devido às parvoviroses, foi também observado por SANCHO et alii (1985) onde, dos casos estudados, 32,18% foram manifestações digestivas.

O comportamento da parvovirose entre regiões demonstrou tendência de maior manifestação na região V e menor na região I. Este fato pode se dever não só ao aspecto de que o percentual de vacinação da região I seja bem mais expressivo, mas também ao grau de confinamento dos cães e tipos alimentares que podem interferir diretamente no comportamento desta doença. Todos estes fatores estão intimamente relacionados com os aspectos sócio-econômicos e culturais que envolvem estas regiões.

Dentre as alterações dermatológicas observou-se que as sarnas ganharam importância nas regiões mais carentes, onde os cães são criados com menor sistema de controle (confinamento). Este comportamento não foi observado em relação às micoses-

Nos acidentes, credita-se o alto número de quedas nas regiões I e II à maior frequência de cães de pequeno porte nestas regiões, uma vez que são estas raças as mais envolvidas neste tipo de acidente. Brigas e atropelamentos ligam-se diretamente ao sistema de controle (confinamento) e ao grau de urbanização da região; as brigas predominaram nas regiões III e

V e atropelamentos nas regiões IV e II. Os demais acidentes ve
rificados não ganharam relevância pelo seu pequeno número de a
parecimento.

A cinomose alcançou maior expressão na região V o
que, como ocorre com a parvovirose, pode ser explicado pelos
baixos índices de vacinação, de animais controlados e também
pelo tipo de alimentação encontrado nesta região. Nas demais
regiões verificou-se a menor ocorrência desta doença na região
I, o que pode ser explicado pelos mesmos motivos já citados,
pois é aí que se verificam os maiores índices de vacinação, o
maior grau de confinamento dos cães e, possivelmente, a melhor
qualidade de alimentação. Para controle desta doença devemos a
bordar os aspectos citados em conjunto, pois não basta o pensa
mento isolado de vacinar os cães sem levar em consideração seu
grau de nutrição, sua origem e sua individualidade. Isso foi
verificado em trabalho realizado no Hospital Veterinário da U-
niversidade Federal de Minas Gerais, por GOUVEIA et alii (1987).

Comparando os resultados obtidos referentes às enti
dades clínicas observadas com os de GOFFRERI et alii (1967),
constatou-se que, em relação ao processo analisado naquele tra
balho, a mesma tendência pode ser observada tanto na amostra ge
ral quanto nas regiões.

O percentual de intoxicações apresentou nível bas-
tante inferior ao encontrado por MARTINEZ (1979). A diferença
registrada deve-se ao fato de que esse autor trabalhou com cães
mortos para exames anatomopatológicos.

Os demais resultados referentes às entidades clíni-
cas observadas obtiveram baixo significado percentual e tradu-
zem novos e necessários caminhos para pesquisas posteriores,
ressaltando apenas que ocorrências como tumor de Sticker e pro
blemas nutricionais, apesar de seu baixo número na amostra, ti
veram maior tendência de aparecimento na região V devido a to-
dos os fatores já abordados que envolvem esta região.

Outro elemento verificado como significativo foram
os animais encaminhados a estabelecimentos veterinários para
controle, ou seja, sem alterações clínicas. Esta tendência se

observou com mais evidência na região I, seguida das regiões IV e II. Cabe ressaltar que este achado sugere maior assistência veterinária nestas regiões.

6. CONCLUSÕES

As características dos cães em Belo Horizonte com relação a raça, sexo, idade, modo de criação, finalidade de posse, cobertura vacinal e alterações clínicas variaram de a cordo com o perfil sócio-econômico de cada região do município.

7. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AGOSTINI, A.; FRANCO, A.; SOMMERFOLT, I.; LEMA, J.A.; KISTERMANN, J.C. Aspectos de la demografía canina y felina en el partido de General San Martín, Buenos Aires, 1980. Rev. Med. Vet., Buenos Aires, 67(91):32-7, 1986.
2. BERZON, D.R.; FARBER, R.E.; GORDON, J.; KELLEY, E.B. Animal bites in a large city - a report on Baltimore, Maryland. Am. J. Public Health, Washington, 62(3):422-6, 1972.
3. COMITE DE EXPERTOS DE LA OMS EN RABIA, 69, Ginebra, 1973, Informe, Ginebra, Organizacion Mundial de la Salud, 1973. 61p. (série de informes técnicos, 523).
4. CORRES, M.W. Censo de perros y gatos domésticos en la planta urbana de Tandil, Argentina 1985. Rev. Med. Vet., Buenos Aires, 66(5):324-6, 1985.
5. COSTA, W.R.; LÚCIO, W.F.; MACHADO, A.V. VI. Notas estatísticas de anatomia patológica veterinária em Minas Gerais, Brasil. Arq. Esc. Vet., Belo Horizonte, 19:129-38, 1967.
6. DAVIS, H.P. El perro como aliado del hombre. In: _____. Enciclopedia moderna del perro. Mexico, Azteca, 1965. p.35.
7. FELDMANN, B.M. The problem of urban dogs. Science, Washington, 185(4155):930, 1974.
8. FIEDLER, H.H.; XARÁ, L.S.; PARAGUASSÚ, A.A. Contribuição ao estudo da patologia de Canis familiaris em Salvador. Arq.

Esc. Med. Vet. Univ. Fed. Bahia, Salvador, 2(1): 3-19, 1977.

9. FUENTES RANGEL, M.C. Cálculo de población canina en las áreas metropolitanas de la ciudad de Mexico, determinación de sus condiciones de atención y destino. Veterinaria, Mexico, 11(1):36, 1980.
10. FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa nacional por amostra de domicílios - 1986; regiões metropolitanas. Belo Horizonte, 1988. v.10, t.2.
11. GOFFRERI, T.G.; LOYOLA, R.; ABALOS, P. Estudio de la tendencia de procesos infecciosos, metabólicos, parasitarios y reproductivos del canino y del felino. Zoosatría, Santiago, 8(1/4):77-90, 1967.
12. GOUVEIA, A.M.G.; MAGALHÃES, H.H.; RIBEIRO, A.L. Cinomose canina: ocorrência em animais vacinados e distribuição por faixa etária. Arq. Bras. Med. Vet. Zootec., Belo Horizonte, 39(4):539-45, 1987.
13. KATCHER, A.H.; FRIEDMANN, E.; GOODMAN, M.; GOODMAN, L. Men, women and dogs. Calif. Vet., Moraga, 37(2):14-6, 1983.
14. LAMAS, J.M.; MACHADO, A.V.; RANGEL, N.M. IV - Notas estatísticas de anatomia patológica veterinária em Minas Gerais. Arq. Esc. Sup. Vet., Belo Horizonte, 11:93-112, 1958.
15. MACHADO, A.V.; RANGEL, N.M. II - Notas estatísticas de anatomia patológica veterinária em Minas Gerais. Arq. Esc. Sup. Vet., Belo Horizonte, 4:38-45, 1951.
16. MACHADO, A.V.; LAMAS DA SILVA, J.M.; COSTA, W.R.; LÚCIO, W. F. V - Notas estatísticas de anatomia patológica veterinária em Minas Gerais, Brasil. Arq. Esc. Vet., Belo Horizonte, 16:375-417, 1964.
17. MÁLAGA, C.H. Características de las poblaciones canina y felina en Lima Metropolitana, Peru. Zoonosis, Buenos Aires, 13(4):289-92, 1971.

18. MARTIN, M.R.; MARÍN, L.B.F.; RIVERA, M.M. Estudio demográfico de la población canina en localidades urbanas menores de 8.5000 habitantes de la provincia de Valdivia. Arch. Med. Vet., Valdivia, 9(1):29-35, 1977.
19. MARTINEZ, R.R. Consideraciones diagnosticas y frecuencia de las intoxicaciones más comúnmente identificadas em perros del área de Mexico, D.F. Vet. Mexico, Mexico, 10(1):45-9, 1979.
20. MATUS, M.; MORALES, A.; LOYOLA, R.; ROMAN, D. Estudio demografico de la población canina del gran Santiago. Rev. Soc. Med. Vet. Chile, Santiago, 24:31-42, 1974.
21. MILLS, J.H.L. & NIELSEN, S.W. Age, breed and sex distribution in Connecticut dogs. J. Am. Vet. Med. Assoc., Schaumburg, 151(8):1079-83, 1967.
22. MOREIRA, E.C.; GONTIJO, M.T.; CASTRO, A.; REIS, R.; VIANA, F.C.; MOREIRA, W.L. Aspectos epidemiologicos del tratamiento antirrabico humano en Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Bol. Ofic. San. Panam., Washington, 80(1):38-44, 1976.
23. MOREIRA, L.P. Población canina y felina en Uruguay. Zoonosis, Buenos Aires, 13(2):67-8, 1971.
24. MORTON, C. Dog bites in Norfolk, Va. Health Serv. Rep., Washington, 88(1):59-64, 1973.
25. OLIVEIRA, P.R.; SPERS, A.; SILVA, P.L.; BARBOSA, F.C.; RIBEIRO, S.C.A.; SOUZA, C.W.O. Epidemiologia da raiva canina e felina em Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. CRMV-7 Rev., Belo Horizonte, 5(22):7-9, 1987.
26. PLANEJAMENTO DA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE. Informações básicas da R.M.B.H. - 1985. Belo Horizonte, 1985. 465p.
27. PLANEJAMENTO DA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE. A diferenciação do espaço da R.M.B.H. In: _____. A estrutura urbana da R.M.B.H.; diagnóstico e prognóstico. Belo Horizonte, 1986. v.2, p.22-93.

28. RANGEL, N.M.; MACHADO, A.V. I - Notas estatísticas de anatomia patológica veterinária em Minas Gerais (Brasil). Arq. Esc. Sup. Vet., Belo Horizonte, 4:22-37, 1951.
29. RIBEIRO NETTO, A. & MACHADO, C.G. Alguns aspectos epidemiológicos da exposição humana ao risco da infecção pelo vírus da raiva, na cidade de São Paulo, Brasil. Rev. Inst. Med. Trop. São Paulo, São Paulo, 12 (1):16-30, 1970.
30. ROBINSON, G.W. Characterization of several canine populations by age, breed and sex. J. Am. Vet. Med. Assoc., Schaumburg, 151(8):1072-8, 1967.
31. ROJAS, R.A. Algunas zoonosis. In: _____. Epidemiologia. Buenos Aires, Intermedica, 1976. v.2, cap.6, p.369-84.
32. SANCHO, E.; PEÑA, M.; BERROCAL, A. Frecuencia de enfermedades según sexo y edad en la especie. Canis familiaris en el servicio de diagnóstico patológico de la Escuela de Medicina Veterinaria, Universidad Nacional, Costa Rica. Cienc. Vet., Mexico, 7(1):19-23, 1985.
33. SCHNEIDER, R. Observations on overpopulation of dogs and cats. J. Am. Vet. Med. Assoc., Schaumburg, 167(4):281-4, 1975.
34. SCHNEIDER, R. & VAIDA, M.L. Survey of canine and feline populations: Alameda and Contra Costa counties, California, 1970. J. Am. Vet. Med. Assoc., Schaumburg, 166(5):481-6, 1975.
35. SILVA, J.A. Características da população canina e felina de Belo Horizonte, Minas Gerais - Brasil, Belo Horizonte, Escola de Veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais, 1980. 29p. (Tese, Mestrado).
36. STEELE, J.H. Diseases transmitted by pets and domestic animals. J. Am. Anim. Hosp. Assoc., South Bend, 10(5):507-10, 1974.
37. WISE, J.K. Veterinary health care market for dogs. J. Am. Vet. Med. Assoc., Schaumburg, 184(2):207-8, 1984.

ANEXO I - FICHA INDIVIDUAL DE ATENDIMENTO

NASCIMENTO DO ANIMAL: / / . SEXO: _____

RAÇA: _____

VACINAÇÃO:

TRÍPLICE - 1ª dose _____
 2ª dose _____
 3ª dose _____

PARVOVIROSE - 1ª dose _____
 2ª dose _____
 3ª dose _____

RAIVA - _____

MOTIVO PELO QUAL TEM O ANIMAL:

- . Guarda ()
- . Companhia ()
- . Outros () Especificar _____

MODO DE CRIAÇÃO DO ANIMAL:

- . Controlado - canil ()
 - apartamento ()
- . Subcontrolado ()
- . Sem controle ()

ALIMENTAÇÃO DO ANIMAL _____

DIAGNÓSTICO CLÍNICO _____

ENDEREÇO DO PROPRIETÁRIO POR BAIRRO _____
